

Simpósio AT189
AS DOBRAS DO TEXTO

ZIANI, Beth
bethziani@gmail.com

Resumo: A nossa pesquisa estrutura-se a partir de experiências com a literatura de Guimarães Rosa no sertão de Minas Gerais e ressalta aspectos do retorno da sua obra a determinadas localidades, constituindo o que definimos como Território Literário. Na perspectiva do percurso da obra pelo sertão, são abordados projetos artísticos e pesquisas que mostram a literatura como mobilizadora de vivências em cidades de referências na vida e obra do escritor (Cordisburgo, Morro da Garça, Andrequicé). As adaptações do texto para a narração oral são apresentadas pelos projetos *Contadores de Estórias Miguilim* e *Caminhos do Sertão*, desenvolvidos em Cordisburgo/MG. Na recriação da obra em imagem estão destacados os projetos artísticos: na pintura, o trabalho do artista plástico José Murilo; no bordado, experiências coletivas nas comunidades. Nessa perspectiva, a proposição de Território Literário firma-se nos caminhos da obra entre espaço, sons, imagem e várias outras ações literárias, que resultaram na valorização da cultura local e na relação estabelecida pelas comunidades com seu Território revitalizado a partir da literatura.

Palavras-chave: Guimarães Rosa ; Literatura e outras artes; Narração Literária de cor; Pintura; Bordado.

Abstract: Our research is based on experiences with Guimarães Rosa literature in the hinterland of Minas Gerais and highlights aspects of the return of his work to certain localities, constituting what we define as Literary Territory. In the perspective of the course of the work in the hinterland, artistic projects and research that show the literature as a mobilizer of experiences in cities of reference in the life and work of the writer (Cordisburgo, Morro da Garça, Andrequicé) are approached. The adaptations of the text to the oral narration are presented by the Miguilim and Caminhos do Sertão Storytellers projects, developed in Cordisburgo / MG. In the recreation of the work in image are highlighted the artistic projects: in painting, the work of the plastic artist José Murilo; in embroidery, collective experiences in communities. In this perspective, the proposal of Literary Territory is based on the paths of the work between space, sounds, image and several other literary actions, which resulted in the valorization of the local culture and in the relationship established by the communities with their territory revitalized from the literature.

Keywords: Guimarães Rosa; Literature and other arts; Literary Narration of color; Painting; Embroidery.

Introdução

A literatura de Guimarães Rosa rompeu fronteiras da academia, da escola, das artes e do seu próprio limite, o livro. Numa trajetória bastante singular, percorreu vários países, dialogou com outras áreas e linguagens e retornou às suas raízes: o sertão. Reuniu e integrou pessoas com o objetivo de vivenciar mais de perto a obra e transformá-la em experiências literárias. Desse espectro da recepção da obra rosiana, fixamos o retorno do texto a localidades do sertão mineiro, ressaltamos processos de adaptações da obra para a oralidade e outras linguagens artísticas, a partir do que podemos afirmar que as vivências literárias desenvolvidas possibilitaram a constituição de um Território Literário. Como processo distinto, a observação dessas ações destaca a recepção e difusão da obra como estratégias para acessar um público heterogêneo, revitalizar lugares não reconhecidos, restabelecer processos identitários, valorizar tradições locais e estimular a representação da leitura.

Num espaço geográfico definido pela vida e obra do escritor, destacaram-se instituições, locais, paisagens e atividades culturais, educativas e artísticas. A sua cidade natal, Cordisburgo, foi o centro irradiador de iniciativas, seguida por Andrequicé/Três Marias e Morro da Garça. Amplia-se, no entanto, a identificação de referências da obra em outras localidades, além das especificidades regionais da paisagem, da flora, da fauna, das tradições, da fala e de pessoas que se confirmam como representadas na obra do autor.

1. Do texto ao som

Num trabalho pioneiro iniciado em Cordisburgo, os grupos Contadores de Estórias Miguilim e Caminhos do Sertão despontaram como mediadores da criação literária de Guimarães Rosa através da técnica de narrar textos de cor. Na manutenção de uma literatura viva, esses narradores materializam o texto na voz, num processo de vocalização, como define Paul Zumthor (1993), em que voz, corpo e gestos integram a expressão, estabelecem uma outra relação com o texto e modificam as regras de leitura. Essa transposição do texto escrito para o oral mostra-se como uma estratégia inovadora e os contos de

tradição como etapas iniciais na formação dos jovens narradores estimulam a expressão ao mesmo tempo que recuperam o valor do narrador. O texto escrito retorna à categoria de literatura oral, aproximando-se das formas de contar histórias, casos e assim manter o contato com o ouvinte local, uma vez que essas formas de enunciação fazem parte da tradição da região. Entretanto, algumas distinções ficam bem claras na apreensão dos textos literários narrados oralmente como, a manutenção do estilo do autor com presença marcada do texto fonte e a postura de um narrador enxuto sem utilização de recursos cênicos e improvisações.

Ao consolidar os jovens das cidades como multiplicadores da literatura, a obra foi encaminhada para dentro das casas desses narradores, uma vez que a metodologia traz a enunciação a partir da fixação do texto como aspecto imprescindível na composição do narrador literário. Assim, a memorização dos textos foi compartilhada com pais e irmãos no âmbito familiar e estendeu-se à comunidade na busca por identificações da linguagem rosiana, do reconhecimento de expressões e significados e da musicalidade do texto, muitas vezes encontrados na fala regional. A abrangência dessa ação fez com que a obra penetrasse em várias camadas da sociedade local e possibilitou a conquista de um público heterogêneo e de níveis de compreensão da obra de acordo com o repertório do leitor.

Os jovens narradores do sertão rosiano tornam-se leitores da obra do escritor com uma função determinada: transmitir o texto oralmente. Nessa perspectiva, podemos repensar questões em torno da leitura e sua função como meio transformador do leitor que não necessariamente passa pela análise e interpretação da obra, mas sim pela sua fruição e o que isso ocasionará. Dessa forma, a narração da obra tem como principal objetivo o estímulo ao prazer de ouvir e conta com aspectos singulares do texto de Guimarães Rosa que podem ressoar no ouvinte de diversas maneiras e levá-lo, inclusive, a um contato maior com o texto escrito.

Com o objetivo de divulgar a obra literária para muitas pessoas simultaneamente, a narração aproxima-se às leituras compartilhadas ou às audições coletivas. Esse formato pede outra postura do receptor que passa

a

se constituir como um leitor-ouvinte ou ouvinte-leitor, aquele que já conhece a obra e aquele que tem o primeiro contato com ela a partir da escuta. Num desafio, esses receptores, distantes de uma relação solitária e silenciosa comum na leitura, precisam se deixar conduzir pelo texto materializado por esses *portadores de uma voz poética*. Da voz desses narradores do sertão emana a lírica do autor e cria-se o elo comunicativo. Tudo torna-se som e assim propaga-se o efeito rosiano em ecos que poderão se fixar enquanto memória literária, difícil de ser esquecida.

2. Do texto à imagem

O bordado assim como a narração de textos imprimiu a sua marca em iniciativas coletivas em várias cidades. A reunião de bordadeiras, assim como ocorreu com os narradores literários, talvez tenha sido um pretexto para que as mulheres saíssem dos seus redutos em busca de um espaço de expressão e de fortalecimento da identidade. A força impressa na representação da obra e do sertão mineiro com desenhos e linhas coloridas firmou-se como uma possibilidade de leitura realizada a partir de processos criativos de leitores não especializados. Do contato com a literatura, em específico, ressaltam-se resultados artísticos que remetem a personagens, situações, paisagens ou marcam episódios identificáveis no texto. Alguns projetos realizados tornaram-se referências locais, como cartografias das cidades, histórias de vida bordadas em grandes painéis e em livros.

O bordado, como várias técnicas manuais, integra ao processo de artesanaria a arte de contar histórias, casos, conversar, estimula a experiência de recordar, compartilhar e restabelece o fio entre memória individual e coletiva. O hábito quase imperceptível das artes têxteis, em especial do bordado livre, trouxe consigo a visibilidade de processos com forte expressão artística na região e a possibilidade de experiências criativas antes nunca acessadas por essas mulheres. Com o desejo de alinhar literatura à realidade sertaneja, essas bordadeiras criaram representatividade e distinção em suas cidades e em todo o país.

Um projeto a ser destacado é o Manto do Vaqueiro - bordado itinerante, que teve a participação de aproximadamente duzentas pessoas. Num rico processo coletivo, foi possível, além de integrar as cidades envolvidas nesse Território Literário, criar diálogos da literatura com pintura e bordado. Este projeto foi realizado por nós em parceria com Joana Salles para o Museu Casa Guimarães e contou com os grupos Estrelas do Sertão de Cordisburgo, Bordadeiras de Andrequicé /Três Marias e das artesãs do Morro da Garça.

A proposta foi bordar a tradicional capa usada pelos vaqueiros (capa ideal) como forma de materializar, a partir de um “objeto”, diálogos entre obra e histórias vividas e contadas no sertão, enfim reunir realidade e ficção. Uma capa original, de aproximadamente oitenta anos, possibilitou a composição de uma réplica perfeita e nessa tela diferenciada foram impressos textos, imagens, cores e bordado.

No plano de fundo, o tecido adquiriu a atmosfera da paisagem: do azul anil do céu, na parte superior, a uma gradação de marrom até o ocre. Nessa base colorida, foram trabalhadas referências à obra *Grande sertão: veredas* a partir do projeto do artista plástico José Murilo – Diabo nas Veredas Mortas. Do conjunto de suas dez telas, foram recortadas e impressas cenas que sugerissem um percurso pelo romance, dando destaque ao Julgamento de Zé Bebelo, Liso do Sussuarão, Pacto, Batalha final e a morte de Diadorim, além de outros elementos - veredas, buritis, bois, vacas, vaqueiros e jagunços - todas estas imagens retiradas das telas do pintor e impressas na capa. As situações selecionadas foram inseridas na parte de trás da capa, espaço dedicado a referências concretas da obra. Envolvendo essa composição, traços helicoidais bordados integram as cenas como um redemoinho que adquire força na parte inferior e caminha para a parte superior da capa até chegar ao céu, às veredas e à morte de Diadorim.

As duas partes frontais da capa remetem a cenas do cotidiano sertanejo: carros de bois, retirantes, mulas carregadoras e especialmente jagunços. Todos caminham em direção aos episódios na parte de trás, para o redemoinho, para a imersão na obra. Detalhes da paisagem, indumentárias dos

jagunços: capas, chapéus, armas, arreios iluminaram esse percurso através do bordado.

No interior da capa (forro), surge materializada a fonte desse processo - a obra de João Guimarães Rosa impressa em três manuscritos. A primeira página de *Grande sertão: veredas* com correções na parte de trás e nas laterais internas duas páginas do caderno de viagem Boiada I, com anotações e rasuras realizadas pelo autor, bem como o mapa da viagem de 1952, destacando fazendas e lugares. Nessa parte interna, o bordado reforçou as rasuras e dúvidas do escritor representadas em setas, contornos e palavras, muitas delas coloridas em vermelho, verde e marrom. No manuscrito da primeira página, o título da obra ainda indefinido - *Veredas Mortas* e a epígrafe do romance *Diabo na rua no meio do redemunho* - receberam intervenções em bordado sobre a impressão.

Frente e verso, dentro e fora foram compostos representando o espaço, a geografia, a obra e integraram pintura e bordado. Os planos da capa ficaram bem destacados assim como a sobreposição de linguagens: cores do sertão, imagens e intervenções bordadas que deram a ideia de tramas sobrepostas, sugerindo as várias camadas da obra. A capa do vaqueiro tornou-se manto pelos múltiplos diálogo impressos, pelos encontros entre tradição, memória e ficção, pela participação singular de crianças, jovens, mulheres e vaqueiros e pela experiência de reunir histórias e texturas.

A proposição de Território Literário que apresentamos neste trabalho surge a partir dessas experiências pelo sertão mineiro e outras não abordadas aqui, como um diferencial da região que passou a se reconhecer e a ser reconhecida a partir da obra de Guimarães Rosa e a viver dessa substância entre real e ficção. A identificação com a obra em diferentes níveis e graus mostrou-se como o principal estímulo para esse processo gerador de uma atualização da cultura local. Assim, o vaqueiro, a boiada, as paisagens, as crenças, a culinária foram reconhecidos novamente e declarados como valores da comunidade.

Na integração da literatura narrada a ações artísticas e culturais, o texto adquire uma outra função, agregando e concretizando o que Antonio Candido nos oferece como reflexão sobre o direito de todos à literatura

O Fausto, o Dom Quixote, os Lusíadas, Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não agregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtores culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular[...] Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 2004, p.190)

O texto de Guimarães Rosa adquiriu essa função social concreta, sem perder a sua função primeira, propiciar o prazer de ser lido. O respeito a leitores não especializados na liberdade de significar e representar suas leituras são aspectos relevantes desse processo e redimensionam a experiência literária e a recepção da obra num rico processo de *democratização da leitura*.

Referências

CANDIDO, Antonio . Vários Escritos. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. 2ª.ed. Florianópolis: Ed.UFSC, 2013.

LIMA, Luiz Costa. Literatura e o Leitor - Textos de Estética da Recepção. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MACIEL, Maria Ester. Estudo de literatura, cinema e artes. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

MANTO DO VAQUEIRO. TV Cultura. Programa Rolando Boldrin. (2012).
(https://www.youtube.com/watch?v=qxyJhFGVSiU&feature=player_embedded)

ZUMTHOR, Paul. A Letra e a Voz. Companhia das Letras: São Paulo, 1993.

Apêndice Manto do Vaqueiro – bordado itinerante
Fonte: Beth Ziani

